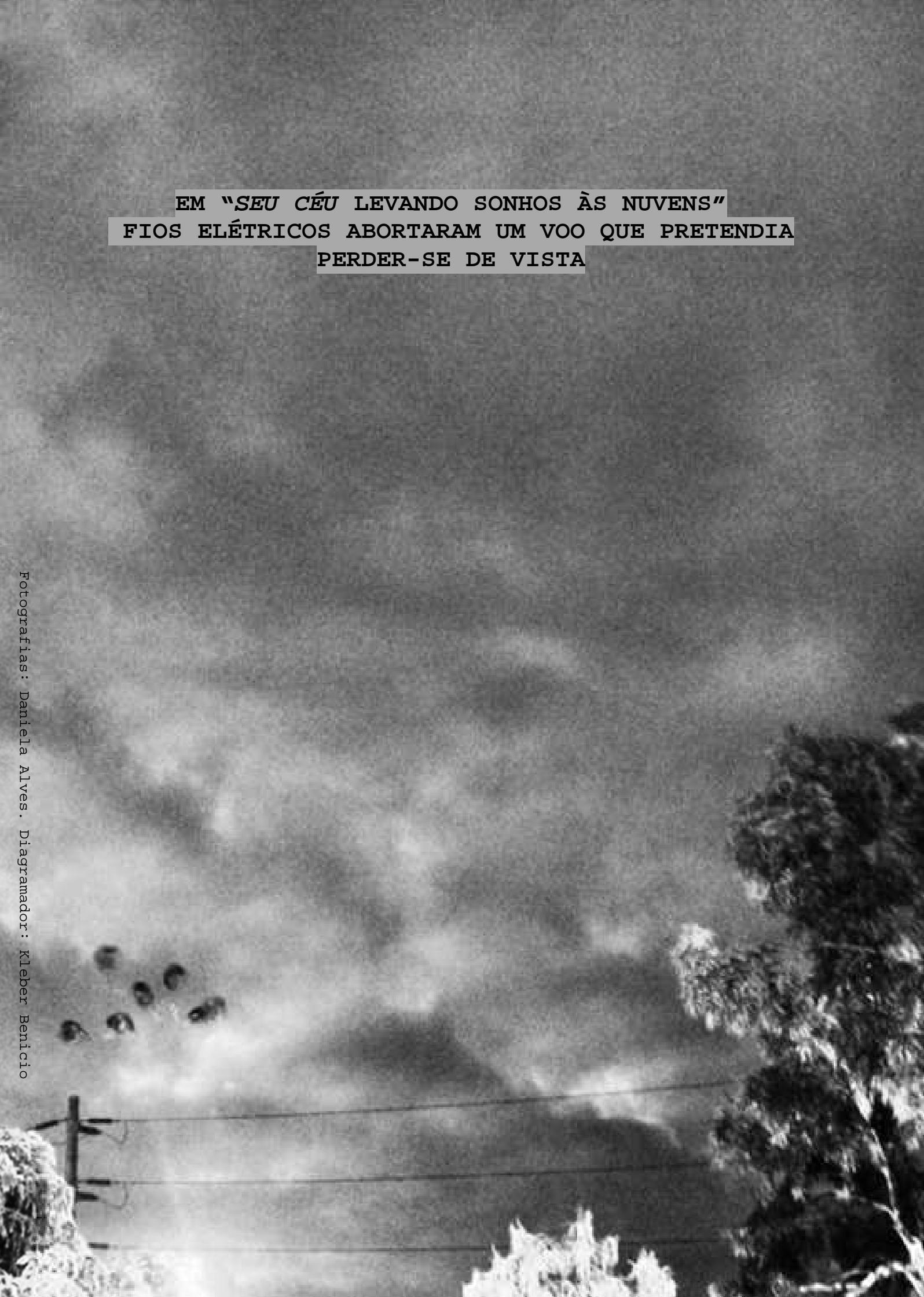


**EM "SEU CÉU LEVANDO SONHOS ÀS NUVENS"  
FIOS ELÉTRICOS ABORTARAM UM VOO QUE PRETENDIA  
PERDER-SE DE VISTA**

Fotografias: Daniela Alves. Diagramador: Kleber Benício



**Em "Seu Céu: Levando Sonhos às Nuvens" fios elétricos abortaram um voo que pretendia perder-se de vista, por Alexandre Mate<sup>1</sup>.**

A comunidade de João Cabral, em Juazeiro do Norte (CE) - logo depois da sesta (ou durante ela para quem pode fazê-la), no dia 12 de junho de 2019 -, despertou curiosa pelos alardes feitos por bando de rua em festa. Sulcando as "rugas" do bairro, e em alegre cortejo, constituído por todo tipo de gente, cujo número foi aumentando, durante o avançar da alegre caminhada, um cortejo de gente artista convidava para diversas atrações que iriam ocorrer bem no coração da comunidade, na Praça José Adonis Callou conhecida, popularmente, como Praça do CC. Basicamente, como em tantas outras tardes de junho (de todos os anos da vida), o céu, de um azul deslumbrante, encontrava-se repleto de nuvens, com tonalidades cinza. A ameaça do cinza não venceu o azul deslumbrante, que cedeu lugar à uma noite sem chuvas... Ao chegar ao seu destino, o cortejo trouxe muito mais gente à praça. Além da criançada, que, normalmente, ocupa a praça e a quadra de esportes, aquele cortejo tão diferente para a comunidade local - feito enxame de abelhas em busca do mel necessário à sobrevivência -, conseguiu trazer, também, muitas mulheres, acompanhadas de crianças bem menores; muitos homens jovens (talvez desempregados); idosos... Na "fava-mãe" (a quadra de esportes), depois do cortejo, foi apresentado um espetáculo circense; um encontro para discussão de tradições culturais, mediado pelo professor Eduardo Coutinho e mestres da cultura popular: Carlos Gomide e Antônio (do Reisado dos Irmãos).

---

<sup>1</sup> Professor da pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp, de São Paulo; pesquisador de teatro; autor de diversos textos (ensaios, artigos, pesquisas, livros de teatro).



Na praça mencionada, exatamente em meio à "briga" entre o dia deixando-se invadir pela noite, foi a vez da apresentação de "Seu Céu: Levando Sonhos às Nuvens". A obra, concebida por Carol Castelo e Luiz Almeida, do Coletivo Ruar (fundado em novembro de 2018, em Belém do Pará), insere-se, segundo a dupla de jovens criadores, na forma/gênero composição urbana. O nome, conferido à estrutura da intervenção cênica, é bastante impreciso e genérico.

Com relação ao nome conferido pela dupla de criadores, e como tem acontecido, de uns tempos para cá (sobretudo desde fins do século XX, com o advento das formas pós-dramáticas), os conceitos estéticos, assim como a própria linguagem teatral, têm se ampliado ao extremo. Os hibridismos, tanto das artes da representação quanto com relação aos locais de apresentação, para o bem e para o mal, têm caracterizado a busca por todo tipo de inusitado que, em muitos casos, parecem se esgotar no em-si-mesmo. "Seu Céu...", entretanto, não se insere em imenso conjunto de obras esvaziadas por ociosos ineditismos. Como ponderou Carlos Drummond de Andrade, no belíssimo poema *Nosso Tempo*, vivemos em um "tempo de partido", "tempo de homens partidos", tempos nos quais a humanidade encontra-se cindida/rachada/pisoteada...

A intervenção "Seu Céu: Levando Sonhos às Nuvens" inicia-se por meio da indagação, aos transeuntes da praça, quanto àquele que seria o maior sonho de cada um. O processo é desenvolvido por grupo de pessoas (no dia de apresentação não havia ninguém da comunidade local a constituir o coro dos indagadorxs...), que segura um balão vermelho (em forma de coração), cujo registro do sonho é escrito em um pequeno pedaço de papel. Os sonhos são colados no barbante do balão. Depois de algum tempo, sem qualquer chamada para aproximação do público, xs "coletorxs de sonhos" reúnem-se, disseram algo (inaudível no dia de apresentação) e liberaram os balões... As pessoas atentas à soltura, imaginando que os balões subiriam até sumir no céu, surpreenderam-se quando um conjunto de fios elétricos impediu a subida dos sonhos. Assim como na vida, os sonhos foram atropelados por imprevisto humano mais forte e poderoso...

Lamentavelmente, a intervenção parece não ter sido feita para o público que lotava a praça, mas para xs coletorxs de sonhos alheios... Nenhum tipo de relação ampliada, com o público, foi estabelecido. Além de quem anotou meu sonho: que o Brasil pudesse viver o socialismo, ser mais justo fraternal e humano, ninguém mais pode saber do meu desejo...





Do mesmo modo, também, não tive oportunidade de saber os sonhos de tantas outras pessoas, esparramadas na praça. João Cícero (14 anos) e Isaias de Menezes (13 anos), ao me verem fazer anotações em um caderninho vieram me perguntar sobre o significado da obra. De fato, não consegui responder, porque queria saber de todos os sonhos ali manifestados. Mesmo tendo alguma clareza quanto ao fato de a arte não existir para explicar o que quer que seja, fiquei "devendo uma explicação" aos meninos, do mesmo modo que os criadores ficaram a me "dever algo"... Sensação de algo me ter sido "furtado"! Finalmente, se se trata de uma obra de foro íntimo (de acesso apenas a quem coletou os sonhos) por que apresentá-la em um espaço público!?